

**ESCRITAS POÉTICAS COM A TINTA DO REGIONALISMO:
notas sobre cultura, identidade e diferença**

POETIC WRITINGS WITH THE INK OF REGIONALISM:
notes on culture, identity and difference

Maria Enísia Soares de Souza¹
Instituto Federal do Rondônia - IFRO

Robson Fonseca Simões²
Universidade Federal de Rondônia - UNIR

RESUMO

Este texto objetiva uma reflexão inicial sobre identidade, cultura e diferença, com olhares voltados aos enredos, personagens e narrativas, ao modo de ser e de agir de personagens do conto *Trezentas Onças*, de Lopes Neto, do romance *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa e da epopeia *A Ferrovia do Diabo* de Manoel Rodrigues Ferreira, obras essas representativas de três regiões – o Sul, o Sudeste e o Norte brasileiros. O contexto regional e a cultura popular se confundem nas inevitabilidades de compreensão do sujeito como único, mas também coletivo, como diferente-igual-diferente. Para este empreendimento, trouxemos um possível diálogo entre as personagens, a primeira coletiva e gaúcha – o Tropeiro; Riobaldo e Diadorim, criações roseanas e; Gonçalves da Fonseca, personagem da narrativa de Ferreira. Com o arrimo de Woodward (2000), Larrosa e Skliar (2001) e Quijano (1992), o texto pretende se debruçar nas ideias de Hall (1997) sobre a construção de identidades.

Palavras-chave: Cultura Popular. Literatura Regional. Identidade e Diferenças. Personagens.

ABSTRACT

This text aims at an initial reflection on identity, culture and difference, with looks focused on the plots, characters and narratives, the way of being and acting of characters from the short story *Trezentas Onças*, Lopes Neto, the novel *Grande Sertão: Veredas*, Guimarães Rosa and the epic *A Ferrovia do Diabo* by Manoel Rodrigues Ferreira, works that are representative of three regions – the South, the Brazilian Southeast and North. The regional context and popular culture are confused in the inevitability of understanding the subject as unique, but also collective, as different-equal-different. For this venture, we brought a possible dialogue between the characters, the first collective and gaúcho – the Tropeiro; Riobaldo and Diadorim, roseanas and creations; Gonçalves da Fonseca, a character in Ferreira's narrative. With the risk of Woodward (2000), Larrosa and Skliar (2001) and Quijano (1992), the text aims to focus on hall's ideas (1997) about the construction of identities.

Keywords: Popular Culture. Regional Literature. Identity and Differences. Characters.

RESUMEN

Este texto pretende una reflexión inicial sobre la identidad, la cultura y la diferencia, con miradas centradas en las tramas, personajes y narrativas, la forma de ser y actuar de los personajes del cuento *Trezentas Onças*, Lopes Neto, la novela *Grande Sertão: Veredas*, Guimarães Rosa y la épica *El ferrocarril del diablo* de Manoel Rodrigues Ferreira, obras que son representativas de tres regiones: el Sur, el Sudeste y el Norte de Brasil. El contexto regional y la cultura popular se confunden en la inevitabilidad de entender el tema como único, pero también colectivo, como diferente-igual-diferente. Para este emprendimiento, trajimos un posible diálogo entre los personajes, el primer colectivo y gaucho – el Tropeiro; Riobaldo y Diadorim, roseanas y creaciones; Gonçalves da Fonseca, personaje de la narrativa de Ferreira. Con el riesgo de Woodward (2000), Larrosa y Skliar (2001) y Quijano (1992), el texto pretende centrarse en las ideas de Hall (1997) sobre la construcción de identidades.

Palabras clave: Cultura Popular. Literatura regional. Identidad y diferencias. Caracteres.

¹ Mestre em Linguística. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO). Docente de Língua Portuguesa. Guajará-Mirim, Rondônia, Brasil. Endereço para correspondência. Avenida 15 de Novembro, 4849, Planalto, Guajará-Mirim, Rondônia, Brasil, CEP: 76.850-000. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6317-8629> Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/9693260134735590>. E-mail: enisiasoares@gmail.com.

² Doutorado em Educação. UERJ/ProPEd. Docente do Departamento de Ciências da Educação e do PPGEE/Prof. Porto Velho Velho, Rondônia, Brasil. Campus: BR 364. Km 9,5 CEP: 76801-05 Porto Velho, Rondônia, Brasil. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-0046-9549>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2338626886744353>. E-mail: robson.simoies@unir.br.

1 ENTRE AS POÉTICAS CULTURAIS E AS REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS: A TÍTULO DE INTRODUÇÃO

*A literatura é sempre uma expedição à verdade.
Kafka*

A epígrafe de Franz Kafka (1979) que abre este estudo, pode ser um ponto de partida para começar a refletir sobre as marcas da cultura e da identidade na literatura regional, pela descrição das personagens. Estudos sobre identidade têm sido largamente divulgados na tentativa de compreensão da pós-modernidade. Neste estudo, todavia, pretendemos registrar algumas notas sobre o entendimento de identidade, associadas a diferenças por meio de um olhar voltado às características de quatro personagens de obras da literatura regional. Obras essas de Lopes Neto, Guimarães Rosa e Manoel Rodrigues Ferreira, em cujas narrativas atuam o Tropeiro, Riobaldo e Diadorim, e Gonçalves da Fonseca, respectivamente.

O olhar sob o prisma da literatura pode contribuir para o entendimento da identidade como conceito de si, como representação de si e representação do coletivo, nesse caso, o coletivo regional. A perspectiva da identidade pessoal é entendida como um conjunto de atributos específicos do sujeito, atributos que se dimensionam nas características que assinalam a pertença a grupos ou categorias sociais.

Não é difícil entender que a discussão sobre identidade perpassa pela cultura popular, porque se entende que as narrativas do regionalismo podem ser consideradas uma efervescência da identidade culturalmente formada no seio social, cujos traços individuais são formados por sentidos cambiantes e contínuos do cotidiano do sujeito (HALL, 1996).

2 NO LABIRINTO NARRATIVO: ASPECTOS DA CULTURA POPULAR

Para Thompson (1998), a cultura popular é situada no lugar material, que lhe corresponde e, para Burke (2005), é óbvia a necessidade de distinção entre cultura erudita e cultura popular, colocando em debate os teóricos Michel de Certeau e Stuart Hall, assim como os historiadores Roger Chartier e Jacques Revel, ainda que ele próprio, Burke, acredite ser difícil definir o tema. A proposição dele é que se pense não em cultura popular, mas culturas populares, sem hierarquização cultural.

Ainda que seja pluralizada, a expressão cultura popular pode gerar um novo problema: incluir ou não incluir as elites, uma vez que o termo popular remete ao povo. Chartier (2005) nos

instiga a pensar que as elites, em tempos modernos, eram biculturais, participavam da cultura popular e da cultura erudita.

Nessa acepção, trata-se de um tema complexo e, na tentativa de não alongar essa abordagem, a concepção da palavra popular é aquela que abarca uma “ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar)” (BURKE, 2005, p. 43), assumindo, assim, um “sentido etnográfico amplo” (TYLOR, *In*: BURKE, 2005, p. 43).

Nesse entorno semântico, a concepção que tem Hall (1997) de que a representação cultural está associada à ideia de atuação e de qualificação dos objetos do mundo é bem-vinda. Isso remete ao pensamento de que o partilhamento de mesmo local e de diversos aspectos da cultura adjetiva esta cultura como popular, constituída de cenários e identidades diferentes, de modo especial na linguagem, como na fala de Riobaldo: “Ser ruim, sempre, às vezes é custoso, carece de perversos exercícios de experiência”. “O espírito da gente é cavalo que escolhe estrada”. “Medo, não, mas perdi a vontade de ter coragem” (GUIMARÃES ROSA, 2001) e de Blau Nunes, o tropeiro: “Num vu estava a cavalo; e mal isto, o cachorrinho pegou a retouçar, numa alegria, ganindo — Deus me perdoe! — que até parecia fala. E dei de rédea, dobrando o cotovelo do cercado” (LOPES NETO).

3 O REGIONALISMO E SEUS PARADOXOS IDENTITÁRIOS

Podemos dizer que a dialética do localismo e do cosmopolitismo se manifesta na literatura regional brasileira, principalmente depois da “libertação” dos padrões europeus da arte literária, com o advento da Semana de Arte Moderna. Chamar dialético o processo literário se explica, porque, de alguma maneira, por meio da tensão entre o dado local e os moldes herdados, a literatura inicia um processo de superação de obstáculos, entre os quais está o sentimento de inferioridade (CANDIDO, 2010).

O Modernismo foi uma das fases culminantes do particularismo literário na dialética do local e do cosmopolita, visto que no seu âmago desconhece Portugal, que deixaria de existir para a literatura brasileira, propõe uma luta contra o academicismo e, alcança, com o regionalismo, uma das principais vias de autodefinição da consciência local, colocando nossas realidades típicas com pavimentação de tendências vivas, esmaecendo a superioridade europeia (CANDIDO, 2010).

É nessa linha que se afirma ser o regionalismo um movimento cultural brasileiro que coopera com a ideia de literatura interessada nas massas, nos analfabetos, nos problemas sociais, enfim, no conhecimento da realidade em suas diversas formas, seja ela de ordem sociológica, folclórica, seja observando as condições de vida política e econômica e, sobretudo, voltando-se às camadas populares. Gil (2019), em suas discussões sobre Antonio Candido, registra que:

Candido atribui ao regionalismo como um dos vetores formativos da literatura brasileira. Regionalismo que pode ser entendido aqui como espécie de versão erudita, letrada e impressa, ao menos em alguns de seus âmbitos, daquela cultura oral, popular, rural, tradicional e não letrada estudada empiricamente pelo sociólogo. A relevância dessa linhagem está exposta em diferentes momentos, formas e atitudes críticas. Nosso autor não chegou, contudo, e curiosamente, a produzir estudo específico sobre o tema. O regionalismo é sempre abordado como parte de uma ordem de preocupação maior que Antonio Candido tem em vista. O reconhecimento da importância do regionalismo e ao mesmo tempo a sua abordagem sempre por assim dizer lateral talvez tenha algo de revelador e significativo da posição de Antonio Candido sobre o tema (GIL, 2019, p. 3).

As palavras de Gil (2019), citando Antonio Candido, lembram muito do que Guimarães Rosa escreve, no contexto da região mineira, especialmente pela linguagem, pela voz identitária das personagens, ou seja, como o próprio Candido afirma que: “a língua parece finalmente ter atingido o ideal da expressão literária do regionalismo” (*In*: GIL, 2019). Nesse sentido, ao falar sobre Guimarães Rosa, Candido (2006) afirma que:

(...) alcançou o mais indiscutível universal através da exploração exaustiva quase implacável de um particular que geralmente desaguava em simples pitoresco (...) Guimarães Rosa cumpriu uma etapa mais arrojada [do que Machado de Assis]: tentar o mesmo resultado sem contornar o perigo, mas aceitando-o, entrando de armas e bagagens pelo pitoresco regional mais completo e meticuloso, e assim conseguindo anular como particularidade, para transformá-lo em valor de todos. O mundo rústico do sertão ainda existe no Brasil, e ignorá-lo é um artifício. Por isso ele se impõe à consciência do artista, como à do político e do revolucionário. Rosa aceitou o desafio e fez dele matéria, não de regionalismo, mas de ficção pluridimensional, acima do seu ponto de partida contingente (CANDIDO, 2006, p. 207).

Destaca-se, nesse ponto, que Antonio Candido estabelece um olhar duplo para o regional, ora vendo o regionalismo como parte de uma diversidade histórica, cultural e literária constitutiva do que somos, ora ainda compreendendo como literatura híbrida, “mestiça”, ao mesmo tempo pluridimensional. Isso é, ora o foco é o local, ora é o universal.

3.1 Questões de identidade e diferenças na Literatura Regional

Estabelecer uma reflexão sobre a identidade e as diferenças, a partir de personagens da Literatura Regional, exige que olhares sejam desenvolvidos na singularidade de cada um. Para tanto, trazemos a primeira personagem – o Tropeiro de Simões Lopes Neto, este, o autor, é um artista do regionalismo antemodernista, que foi capaz de construir um “documentário” com seus contos e escritos num ritmo espontâneo, impondo a verdade social e psicológica dos entrecos e das personagens (BOSI, 2017).

O Tropeiro, também conhecido como Blau Nunes, representa não um indivíduo, mas um coletivo de sujeitos que conduzia tropas de animais, ou comitivas de muaras e cavalos, muito comum do Sul do Brasil, no início do século passado, principalmente. Retrata, de forma muito

interessante, o povo e a cultura gaúcha como um todo, mas de uma forma característica a visão de um gaúcho trabalhador, rústico, sendo tratado como herói de seu povo e digno de exemplo.

No quadro em que estão personagens de Lopes Neto, há o tingimento do mapa rio-grandense de cores tão locais, tão coloridas que o Rio Grande do Sul transcende a outras fronteiras. Isso se verifica na descrição do “tropeiro que perdeu numa barranca as trezentas onças” (*In*: BOSI, 2017, p. 225). A paisagem apresentada pelo termo “barranca”, “as trezentas onças” representa um referente monetário que, juntos os termos – barranca e trezentas onças - atestam um jeito de ser, numa harmonia paisagem-tempo-indivíduo, como se houvesse ali uma conjunção de elementos, cuja essência coincide o Tropeiro. Tanto a linguagem quanto a simbologia que marcam o local representam e identificam essa personagem.

Nesse empreendimento de entender a identidade, pergunta-se, com o apoio de Larrosa e Skliar (2001), “O que é identidade?”, “O que é diferença?”, “O que é diversidade?” Esses dois pensadores consideram que as três palavras, núcleos das questões, relacionam-se produzindo uma o significado da outra, como acontece, por exemplo, entre “identidade e diferença”, ou confundindo-se entre si como o fazem “diferença e diversidade” (LARROSA; SKLIAR, 2001).

Recorrendo ao dicionário, confere-se que a palavra diferença é sinônimo de “diversidade, dissemelhança, dissensão, controvérsia, discórdia, discussão” (BUENO, 2010, 159). Esses significados remetem ao espectro de qualidade ou acidente pelo qual uma coisa se distingue de outra ou a variedade dentre coisas de uma mesma espécie (LARROSA; SKLIAR, 2001).

Nas linhas da literatura de Lopes Neto, mais especificamente do conto *Trezentas Onças*, há outras marcas linguísticas que diferenciam a personagem e a localizam num espaço e num cenário, cuja imagem a torna específica pelo seu discurso e pelos traços culturais ali expressos.

Ah!... esqueci de dizer-lhe que andava comigo um cachorrinho brasino, um cusco mui esperto e boa vigia. Era das crianças, mas às vezes dava-me para acompanhar-me, e depois de sair a porteira, nem por nada fazia cara-volta, a não ser comigo. E nas viagens dormia sempre ao meu lado, sobre a ponta da carona, na cabeceira dos arreios (LOPES NETO).

O hábito – andar acompanhado por Brasino, acentua o ser Tropeiro, o ser gaúcho. Esta marca evidencia-se ainda mais pela singularidade da cultura retórica, pelo uso de palavras como cusco e arreios, tipicamente regionais, ou para sermos mais precisos: retrata o universo do gaúcho, focalizando as particularidades da fala desse povo. Ao mesmo tempo que reforça certas características coletivas, o escritor não coloca em estado de turvamento os traços individuais.

Nesse paradigma, o enredo do conto – *Trezentas Onças* – em que esses traços culturais identitários se presentificam, há ainda outros, como a hospitalidade, a honestidade e a amizade do Tropeiro.

... certa vez, viajando sozinho a cavalo, acompanhado apenas de seu cachorro, levava na guaiaca trezentas onças de ouro, destinadas a pagar um gado que compraria para seu patrão. Um certo ponto da viagem, pára para se estear num passo, onde, depois de uma boa soneca, vai refrescar-se com alguns mergulhos na água fresca.

- Pois, amigo! Não lhe conto nada! Quando botei o pé em terra na ramada da estância, ao tempo que dava as — boas-tardes! — ao dono da casa, agüentei um tirão seco no coração... não senti na cintura o peso da guaiaca!

Tinha perdido trezentas onças de ouro que levava, para pagamento de gados que ia levantar (LOPES NETO).

Perder as trezentas onças coloca em questão um ponto focal da identidade do habitante da região – a honestidade, atributo essencial para as relações de confiança entre patrão e empregado. Perder a bolsa carregada de moedas de ouro, que seu patrão lhe confiara para comprar uma tropa de bois, coloca sob conflito a possibilidade, a hipótese de ser considerado ladrão. O desespero o confunde, pensamentos ruins fervilham a sua mente, mas num lampejo de consciência, é impelido para a vida, pelos latidos do brasino que pareciam o convidar ao retorno no lugar da sesteada.

Com o espírito esperançoso, refaz mentalmente o trajeto, redesenha a disposição dos objetos, os quais havia espalhado no lugar de descanso, retorna pelo caminho que havia feito, na certeza de encontrar o que havia perdido. Nada. Voltou para casa. “Em cima da mesa a chaleira, e ao lado dela, enroscada, como uma jararaca na ressolana, estava a minha guaiaca, barriguda ...” (LOPES NETO). Ninguém havia se apossado dela - a guaiaca, isso enaltece marcas da identidade dessa gente.

Os sentidos de diferença e na personagem o Tropeiro, da literatura do conto folclórico – *Trezentas Onças*, do escritor gaúcho Lopes Neto, servem de alicerce para a compreensão das personagens – Riobaldo e Diadorim, do mineiro Guimarães Rosa, que tem na metamorfose e na alquimia linguística o centro da sua ficção, sintetizado na obra *Grande Sertão: Veredas*, uma narrativa com uma fala infinda de Riobaldo, uma espécie de mosqueteiro romântico e aventureiro de faroeste. Ele não é nada disso; é um sábio amante e melancólico, um perguntador aflito querendo conhecer a natureza do bem e do mal. Um perguntador que tem um interlocutor invisível, letrado, que sabe as respostas a serem dadas. Interlocutor plural, um eu-tu; alguém “estudado”, que, pela linguagem do intransponível, supera o que a inteligência não alcança e leva para além do que se pode pensar. Alguém que concebe o sinal do infinito e a palavra “travessia”, alguém que, pelo discurso, pela narrativa “transtraz” a esperança.

Diadorim é uma personagem marcada pelo tom feminista, pela emblemática da liberdade, a condição das mulheres naquela época que não podiam exercer funções que eram ocupadas por homens e esse foi o principal motivo de sua transformação em Reinaldo e desejar a liberdade. Riobaldo, uma personagem que simboliza o velho jagunço, que decidira trocar a jagunçagem pela tranquilidade da fazenda, este representa a necrofilia que pesava e pesa sobre as mulheres, mazela essa presente na cena da morte de Diadorim, da condenação à morte dada *na e pela* ficção. Há uma questão fervilhando: a do gênero, já impressa na dialética do nome de Diadorim. O grande amor de Riobaldo, o amor platônico, impossível.

São dois os traços identitários arquetípos de Diadorim. Sua dupla sexualidade, enquanto homem e vivo, ou mulher e morta, no advento de sua nudez, traços que trazem um regional bem mais universalizado. Trazem uma suspeição de que essa morte diz muito sobre a vida das mulheres. Sobre o contexto da “constante cultural” que é o assassinato de mulheres. Nesse duplo: mostra e esconde, ora aparecendo como mulher e morta, ora desaparecendo como homem vivo tem-se, pois, a “dialética” - própria do nome Diadorim - implica que o homem vivo é, em convenientes termos hegelianos, suprassumido na “mulher” (TIBURI, 2013).

Há nessa descrição uma ponte, uma transcendência entre o regional sertanejo e o universal humano na obra rosiana que, muito propriamente, não ocorre somente no campo da linguagem, mas também nas cenas rosianas, que brotam espaços existenciais, interativos, vivos, por vezes personificados, verdadeiramente panteístas; brota um universo folclórico, cercado de transcendência; brota a vida.

Gonçalves da Fonseca, a quarta personagem aqui analisada é do livro *A Ferrovia do Diabo*, de Manoel Rodrigues Ferreira. A personagem era membro da Exploração de Luís Fagundes Machado, que partiu em 14 de julho de 1749 de Belém do Pará, como responsável pela construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré - EFMM. Aquela, um observador das cachoeiras, encontradas no caminho. Ela as descrevia demoradamente, fazia registros detalhados, inclusive da vizinhança, da história envolvendo os portugueses (FERREIRA, s/d).

O lugar de fala da personagem, a floresta, compreende o trecho entre Porto Velho e Guajará-Mirim, e ela se reconhece alguém com alguma função laboral na Comitiva. A construção da Ferrovia foi um empreendimento político-social, que envolveu o Acre e Rondônia, de modo mais diretamente. No entanto, para este escrito prioriza-se a descrição da personagem e as suas ações que contribuem para que se perceba quem é. Descrição identitária que o diferencia ou o iguala às outras personagens analisadas. Uma das marcas identitárias é percebida quando Gonçalves descreve a cachoeira Caldeirão do Inferno, dizendo que:

... tanta cópia de penedos, que não tem o rio desafogo algum, mais do que por entre imensidade de pedras fazer vários precipícios, e destes resultarem redemoinhos de água que costumam ser sumidouros de tudo o que neles se mete, ou seja canoa, pau, ou qualquer corpo capaz de padecer a desgraça de ser levado ao fundo com incrível violência (FERREIRA, s/d, p. 37).

Percebe-se na fala, que a personagem, ao descrever, desenvolve um olhar poético sobre a cachoeira, ainda que pareça ter uma função mais técnica dentro da Comissão. A questão da identidade dessa personagem está associada à violenta destruição das sociedades e culturas indígenas, além de um sem fim de declínio da vida daqueles que chegaram de diferentes lugares do mundo para serem os trabalhadores que deitariam dormentes por longos quilômetros, em cujas margens, ainda hoje, há várias marcas, dentre elas escombros de pontes isoladas, como resquícios da Estrada de Ferro Madeira- Mamoré. Isso lembra o que Quijano (1992, p. 1) diz sobre a identidade do Peru, quando declara que “Sobre os escombros daquelas sociedades e sobre a população sobrevivente, os conquistadores impuseram sua dominação colonial.” A construção dessa Ferrovia remete à ideia de destruição da natureza e do homem, de quão o processo de colonização europeia apagou a ideia de poder das sociedades sul-americanas.

Nesse contexto, a identidade não pode ser pensada ou estabelecida como um mero ensimesmamento do si-mesmo, mas como plena consistência e autônoma experiência histórico-cultural do indivíduo e do coletivo. Em outras palavras, ao mesmo tempo que há uma autonomia identitária e uma separação, há um enclausuramento social.

Os quatro personagens, de três obras regionais, localizados em contextos diferentes - diatópico e diastrático, permitem que se afirme, nesse caso, a identidade é relacional, porque o cenário, as imagens e as interferências se reconhecem distantes, mas não com tantas diferenças. São iguais em alguns aspectos. Estão numa região específica, que compõe um todo, ainda que fictício, o território brasileiro.

Entende-se, portanto, que as identidades são múltiplas e cambiáveis, e essa pluralidade que as constitui costuma ser fonte de tensão e contradição tanto no que se refere à autorrepresentação, quanto nas ações sociais. E, de novo, lembramos Woodward, (*In*: SILVA, 2000) e “Os pilares os quais sustentam a identidade do indivíduo, alicerçam a identidade marcada pela diferença”. E essa marcação da diferença não deixa de ter seus problemas. A autora arremata: a diferença entre sérvios e croata envolve a negação de que não ela, a diferença, existe (WOODWARD, *In*: SILVA, 2000).

Encerra-se esta reflexão com Hall (2006) que diz ser a identidade pensada na inter-relação indivíduo-sociedade, portanto não é estática e definitiva, mas relacional e reelaborada periodicamente. Nesse sentido, a identidade é, então, um dos elementos constitutivos das

performances sociais de cada uma das personagens que compõem o regional, que compõe o universal.

4 POR UMA AQUARELA LITERÁRIA BRASILEIRA: CONSIDERAÇÕES FINAIS

As palavras de Franz Kafka (1979) sobre “a cultura popular como aquela que se reconhece num conjunto de costumes e valores sociais” remete à concepção de cultura como patrimônio de um povo, como o que abrange vertentes como o folclore e a literatura. Esta representa um trabalho artesanal do poeta que, numa única tela, coloca em assunção cenários e personagens, “documentando” e inventariando identidades e diferenças.

As narrativas regionais, de Lopes Neto, Guimarães Rosa e Ferreira, que procedem de modo a pintar de cor local o geográfico do escrito, também paradoxal e intencionalmente revisam as fronteiras, atraindo outros topos e incluem seus personagens numa teia identitária que alcança aspectos da universalidade por conceberem conteúdos sociais e psicológicos.

Na toada da regionalidade está a consciência poética do local, de que o anonimato e o turvamento não têm espaços numa literatura, independente de padrões eurocêntricos, combina lenda, tradição popular e surpreende pela dimensão rural, histórica e pelas formas novas que dão ênfase aos aspectos humanos universais (BOSI, 2017). Coutinho (2014) concorda com a afirmação bosiana e acrescenta: “o regionalismo constitui uma contribuição das regiões do país ao todo nacional, valores locais ao *melting-pot* de que resulta o todo. O regionalismo não se opõe ao conjunto, ao nacional, ao invés, forma-o” (p. 104).

Não se finaliza aqui a discussão sobre a representatividade, pelo viés da descrição de personagens de narrativas ficcionais, mas se deixa em suspenso, com o projeto de novas incursões nessa seara da regionalidade, de marcas que transcendem o entorno, hipertextualizam-se com outras veredas, num processo de constituição do todo – o universal.

Para interromper, registra-se que a identidade e a diferença, nesse contexto, presentificam-se como vias de consciência, como traços que, ao mesmo tempo em que se quer separar; juntam-se. É nesse tom que se reconhece as personagens das narrativas do regionalismo, recorrendo à acepção do escrito de Woodward (2000), quando numa sacada intertextual cita a história contada pelo jornalista Michael Ignatieff sobre sérvios e croatas, cujas identidades em muito se assemelhavam, a começar pelo contexto da guerra da Iugoslávia, mas querem ser diferentes, ideia que se esvaece, porque o contexto das identidades individuais se entrecruzam.

Quem sabe, nesse sentido, a cultura, a identidade e a regionalidade brasileira, numa possível escuta sensível, sejam poesias encontradas nas escritas literárias com tons, matizes e representações de mundo, fazendo andar o carrossel dos sentidos, emoções, sensibilidades dos escritores.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 52. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** 2. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.
- BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da Língua Portuguesa Silveira Bueno**. São Paulo: DCL, 2010.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2010.
- _____. **Formação da literatura brasileira**. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- COUTINHO, Afrânio. **Literatura Brasileira**. 4. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.
- FERREIRA, Manoel Rodrigues. **A Ferrovia do Diabo**. São Paulo: Melhoramentos, s/d.
- GIL, Fernando Cerisara. *Notas sobre o regionalismo em Antonio Candido e a formação do pensamento brasileiro*. **Dossiê Antonio Candido** Programa de Pós-graduação em Letras / Estudos Literários da Unimontes v. 20, n. 2, 2019. ISSN: 2179-6793. Universidade Federal do Paraná-UFPR.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. São Paulo: DP&A, 2006.
- _____. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n.º2, p. 15-46, jul./dez, 1997.
- _____. HALL, Stuart. *Identidade cultural e diáspora*. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, IPHAN, 1996, p. 68-75.
- KAFKA, Franz. **O Processo**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- LARROSA, Jorge. SKLIAR, Carlos (Orgs.). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Tradução de Semiramis Gorini da Veiga..Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- LOPES NETO, João Simões. **Trezentas Onças**. Disponível em <http://www.tirodeletra.com.br>. Acesso em 03/03/2021.
- QUIJANO, Anibal. *Notas sobre a questão da identidade e nação no Peru*. **Estudos Avançados**, 1992.
- ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- TIBURI, Marcia. *Diadorim: biopolítica e gênero na metafísica do Sertão*. **Rev. Estud. Fem.** vol. 21 n.º.1 Florianópolis Jan./Abr.2013.

ESCRITAS POÉTICAS COM A TINTA DO REGIONALISMO: notas sobre cultura, identidade e
diferença

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. Trad. Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WOODWARD, Kathyn. **Identidade e Diferença**: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

Submetido em: 11 de jun de 2022.

Aprovado em: 15 de jul de 2022.

Publicado em: 31 de ago de 2022.